

PENIN, Sônia. **Cotidiano e escola, a obra em construção: o poder das práticas cotidianas na transformação da escola.** São Paulo, Cortez, 1989. 165p.

*A partir do confronto de dados concretos e representações, a autora, Sônia Penin, objetiva, nesta investigação, perseguir a gênese do processo educativo que se desenvolve no cotidiano educacional e identificar pistas para sua transformação no sentido de promover, com sucesso, a aprendizagem dos alunos. O estudo descreve as condições concretas da vida cotidiana em quatro escolas públicas de primeiro grau, articulando esta descrição com as representações que professoras, equipe técnica e pais de alunos apresentavam em cada caso.*

*A autora declara sua preocupação com o assunto e, em função disto, justifica a elaboração do trabalho. Por outro lado, a investigação serviu, também, para cumprir as exigências de obtenção do título de Doutor junto à pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, cuja defesa ocorreu em janeiro de 1988.*

*O trabalho foi orientado sob a ótica da escola, trabalhando, simultaneamente, duas dimensões aparentemente irreconciliáveis: a história e o cotidiano. A história, no caso, com duplo significado: o contexto histórico, no qual surge uma determinada escola e responde pelo local onde ela se implantará, pelos processos que desenham sua construção e efetuam continuamente seu funcionamento; e como história de uma determinada escola, com personagens socialmente situados.*

*O estudo aborda, particularmente, o cotidiano da escola pública brasileira, que por razões históricas específicas chega à periferia da grande cidade de um país capitalista periférico.*

*Para atingir mais exatamente as análises sobre os casos con-*

*cretos, a autora, preliminarmente, debruça-se sobre uma análise conjuntural das questões teóricas do que vem a ser cotidianidade. Para isto sustenta-se em diversos teóricos como Kosisk, Heller, Lukács, Gramsci e principalmente Lefebvre. Procura abordar a escola como elemento que, ao mesmo tempo, reproduz as desigualdades de classe presentes no contexto social — "oprimindo os indivíduos pertencentes às camadas populares" —, reduzindo, também, o espaço onde os indivíduos que a ela pertencem podem se apropriar do saber escolar, utilizando-o em benefício do seu próprio projeto social.*

*A segunda parte do livro analisa quatro escolas, iniciada por um capítulo elaborado a partir de uma visão geral sobre o contexto histórico do cotidiano e seus desdobramentos, ao longo do período que compreende 1964 a 1980, especificamente de duas escolas. Aborda, também, o desenvolvimento econômico, político e educacional brasileiro deste mesmo período. A autora procura, ainda, traçar um quadro do desenvolvimento da cidade de São Paulo, e de sua educação, bem como no restante do País, entre 1950 e 1980.*

*Neste âmbito, demonstra o crescimento do número de estabelecimentos escolares, de matrículas, a correlação entre escolas públicas e particulares, a evolução da participação de recursos do Ministério da Educação em relação ao orçamento da União e a repercussão de todos estes fatores na qualidade geral de ensino.*

*A primeira escola, que a autora descreve denominando obra Alfa, foi inaugurada em 1976 e localiza-se em "Vila Salvador", na periferia de São Paulo. Sônia Penin descreve as condições sociais do local fazendo referência às habitações e aos próprios habitantes. Em seguida, começa a situar os alunos da escola no plano social em que se encontravam: suas origens, formação escolar dos pais, renda familiar e outros dados. Demonstra, através de quadros, o número de alunos da escola ano a ano de 1976 a 1980, enfoca os níveis de apro-*

vação, reprovação e evasão. A pesquisa destaca o papel da população nas mudanças que se efeturaram na escola. A situação da diretoria e a relação administrativo-pedagógica toma relevância no contexto da cotidianidade e Sônia Penin não esquece de definir claramente a questão da hierarquização da instituição escolar em dois níveis: ao nível dos cargos e funções e das idéias pedagógicas.

A segunda escola, a **Beta**, situa-se no "Parque Luanda", a 50 quilômetros de São Paulo e, ao contrário da **Alfa**, não possuía boa fama na comunidade. Foi também inaugurada em 1976. Como nas outras três escolas, a autora cita o número de alunos, índices de aprovação, reprovação e evasão e as características sociais do alunado. Um dos principais problemas enfrentados para a superação da cotidianidade na **obra Beta** foi a falta de participação dos professores, somada à insuficiência de recursos para a aplicação em mudanças mais substanciais na qualidade de ensino.

Outra coincidência da **obra Beta** com a **obra Alfa** era o fato que em ambas os avanços conquistados efetivaram-se através da mediação de uma pessoa, e dos movimentos contra a fragmentação, a homogeneização e a hierarquização do trabalho escolar.

A escola da **obra Gama** foi inaugurada em 1964 na "Vila Mirante", a 25 quilômetros do centro de São Paulo. O nível de vida dos alunos da escola era mais elevado que das duas primeiras, a despeito de que 10% deles trabalhavam para complementar as despesas domésticas. A estrutura física da escola contava com salas de aula suficientes para o atendimento à demanda e mais ainda: gabinete dentário, biblioteca e laboratório de ciências. O setor de Educação Física mostrava-se meio deficiente. Quanto aos recursos humanos pôde-se constatar uma carência na área administrativa mas, principalmente, na educacional.

Diante da situação, houve um certo grau de dificuldade de se desenvolver um trabalho visando o rompimento e a superação da cotidianidade, entretanto, houve alguns avanços a partir de discussões com a própria comunidade.

Por último, vem a **obra Delta**. A escola localiza-se no bairro "Alto do Retiro", a uns 20 quilômetros do centro da cidade e constitui-se de três prédios. Um dos maiores obstáculos verificado foi a descontinuidade de professores nos exercícios de suas funções, pois houve diversas substituições, paralisações, novas contratações e isto, inevitavelmente, prejudicou qualquer trabalho que objetivasse a melhoria do ensino nestes estabelecimentos. A escola Delta foi, provavelmente, a que menos sentiu os efeitos destes problemas, obtendo um dos mais altos níveis de rendimento dos alunos da 1ª a 4ª série, sobretudo por duas razões: a infra-estrutura escolar detinha um alto nível de qualidade e a relação escola-família sempre vigorou de forma positiva na formação dos próprios alunos. Entretanto, a autora detecta problemas de fragmentação de funções e alguns conflitos entre os agentes pedagógicos, o que dificultou o trabalho de superação da cotidianidade — esta sempre compreendida como a incapacidade dos estabelecimentos escolares públicos fugirem aos tradicionais métodos e estruturas de funcionamento, obstruindo, deste modo, o próprio trabalho pedagógico.

Após a descrição e análise das quatro obras, a autora avança sobre o confronto e a comparação dos quatro exemplos, tirando suas conclusões e, sempre, colocando os números em quadros demonstrativos.

Na terceira parte do livro, Sônia Penin começa a discutir a problemática a partir de uma análise sobre o papel dos professores, dos diretores e dos pais no conjunto das relações de ensino, diante dos problemas apresentados ao longo da investigação.

Para concluir, a autora afirma que "o conhecimento do poder cotidiano é fundamental para o homem comum ou o profissional de base, pois a partir deste saber ele poderá planejar e atuar no cotidiano de maneira a preparar mudanças no âmbito institucional"

Roberto Gicello